



TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Departamento de Ciências da Comunicação – CESNORS/UFSM

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

27 de junho a 07 de julho de 2011

A HISTÓRIA INICIAL DA RÁDIO LUZ E ALEGRIA EM FREDERICO WESTPHALEN

CLOMAR TOLEDO

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Luis Fernando Rabello Borges e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Luís Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria
Orientador

Prof. Elias José Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Luciano Miranda
Universidade Federal de Santa Maria

Prof.^a Karen Kraemer
Universidade Federal de Santa Maria
(Suplente)

Frederico Westphalen, julho de 2011.

A história inicial da rádio Luz e Alegria em Frederico Westphalen

Clomar Toledo
Luís Fernando Rabello Borges (orientador)

RESUMO: O artigo tem como objetivo pesquisar como ocorreu o processo de implantação do rádio no município de Frederico Westphalen, localizado na região do Médio Alto Uruguaí gaúcho. Primeiramente, o estudo que é histórico e serve como documento da época realiza uma fundamentação teórica do rádio e do rádio-jornalismo a nível mundial e nacional, com base em autores como Ferrareto, Prado, Orwitrano e César. Após as referências teóricas, a pesquisa se dedica à história do rádio local, que teve seu início com a fundação da *Rádio Luz e Alegria*. A maneira como foi implantada, a influência da Igreja Católica nesse processo e as características da programação realizada no período em que a *Luz e Alegria* consistia no único veículo de informação e entretenimento do município, é narrada com base no livro *Painéis do Passado* escrito pelo próprio Monsenhor Vitor Batistella em 1969 e entrevistas com o ex-locutor e sócio da emissora Euclides Argenta, o primeiro rádiotécnico, Jaime Locatelli, e de Adjalmo Cerutti, filho de Vitalino Cerutti, fundador do *Jornal O Alto Uguai*.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Frederico Westphalen, *Rádio Luz e Alegria*.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, o homem sempre buscou a evolução. Durante séculos vivenciando um mundo em que a comunicação não ultrapassava os muros dos vilarejos antigos, com o fim da Idade Média e o início da chamada “Era da Razão”, a humanidade começa a participar de uma profunda transformação comunicacional tanto em termos de alcance, quanto em termos de formato e suportes.

O jornalismo impresso foi o meio de comunicação pioneiro na consolidação da imprensa no mundo. Porém, o homem queria mais. Queria agilidade na transmissão da informação e queria também atingir o maior número de indivíduos possível, em uma sociedade em que saber ler e escrever era privilégio de poucos. Com o avanço dos recursos eletrônicos e com a comprovação, em 1890, por Henrich Rudolph Hertz, da existência das chamadas “ondas de rádio”, surge um inovador suporte de comunicação e uma nova forma de fazer jornalismo.

O rádio se expandiu rapidamente por todo o mundo e tornou-se o meio de comunicação mais popular do século XX. Em 1922, foi realizada a primeira transmissão

radiofônica oficial brasileira. Em 1923, Roquette Pinto e Henrique Morize fundam a primeira emissora no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Será analisado neste trabalho o período inicial das atividades da rádio *Luz e Alegria*, desde sua fundação, em 1944, até o surgimento do jornal *O Alto Uruguai*, em 1966. O estudo será focado no período em que existia somente a emissora de rádio como meio de comunicação no município e a sua inserção na sociedade da época.

A história do rádio em Frederico Westphalen é mais antiga que o próprio município, fundado em 28 de fevereiro de 1955. A chegada do padre Vitor Batistella em 13 de março de 1932, na Vila Barril, distrito de Palmeira das Missões, era sinal de que a comunicação desembarcava nesta região.

Em 1944, Mons. Vitor Batistella instalou na casa paroquial a Amplificadora Luz e Alegria, ou seja, uma estação sonora, para difusão de cultura e propaganda. O conjunto era formado por um microfone, um toca-discos, um rádio e uma discoteca com mais de 300 músicas para todos os gostos e ocasiões, um verdadeiro sistema de alto-falantes que mais tarde se transformaria em estação de rádio. A estação de rádio começa a ser pensada em 1946, quando Dr. Gorresse, acoplou a aparelhagem um rádio emissor de onda larga que podia ser captada pelos aparelhos de rádio, em boas condições, até 60 km. Foi um alvoroço e causou surpresa o aparecimento do som da igreja nos rádios locais. Em 28 de julho de 1957, foi inaugurada a *Rádio Luz e Alegria*, uma das pioneiras na região norte do estado (Batistella, Mons. Vitor Painéis do Passado, F.W. 1969).

Para a realização desta pesquisa histórica e documental, foram realizadas entrevistas com três testemunhas oculares dessa trajetória, que atuaram diretamente nos veículos abordados: Euclides Argenta, 76 anos de idade e 52 de rádio, locutor da *Luz e Alegria* de 1957 a 2002 e atualmente apresentador de outra emissora local; Jaime Locatelli, colaborador da *Rádio Luz e Alegria* na época; e Adejalmo Cerutti, filho de Vitalino Cerutti, falecido fundador do jornal *O Alto Uruguai*.

1) O ADVENTO DA COMUNICAÇÃO DE MASSA E O SURGIMENTO DO RÁDIO

Após o advento do jornalismo impresso, o rádio – que teve suas primeiras transmissões no final do século XIX, mas que se solidificou como meio essencial de

comunicação na primeira metade do século XX – foi responsável por mudanças fundamentais no processo de comunicação da sociedade. Sua instantaneidade e sua oralidade aumentaram ainda mais o acesso à informação, já que não era mais necessário saber ler para conhecer uma notícia e ao mesmo tempo se ouvia notícias de maneira concomitante à sua ocorrência.

O rádio é um veículo de comunicação de massa que por meio de ondas eletromagnéticas atinge um público numeroso, anônimo e heterogêneo. Sua audiência é formada por um número considerável de ouvintes por ter a possibilidade de atingir uma extensa área de cobertura. O rádio só é limitado pela potência dos transmissores e pela legislação, que determina sua frequência, amplitude e potência. Sua audiência é anônima, pois o comunicador não sabe individualmente onde está cada um de seus ouvintes. Seu público ouvinte é heterogêneo, por causa da abrangência de pessoas de diversas classes socioeconômicas, com anseios e necessidades diferentes. O rádio, como emissor, utiliza a linguagem oral. Ele “fala” a mensagem e o receptor ouve. O ouvinte não precisa ser alfabetizado (CÉSAR, 2005, p. 163).

O surgimento do rádio remonta aos avanços da telecomunicação. Em 1831, o inglês Michael Faraday descobriu a indução magnética. Já James C. Maxwell contribuiu com a descoberta da existência das ondas eletromagnéticas diferentes em tamanho, das ondas de luz, mas com a mesma velocidade (300.000 Km/s). Thomas A. Edison, em 1880, realiza seus próprios experimentos, e percebe que, colocando em uma ampulheta de cristal um filamento e uma placa de metal separado entre si e ligando-se o filamento ao negativo e uma bateria e a placa ao positivo, constatava-se a passagem de uma corrente elétrica da placa para o filamento e nunca em sentido contrário.

Finalmente, o professor alemão Henrich Rudolph Hertz comprova, em 1890, a existência das ondas eletromagnéticas, chamadas de “Ondas de Rádio”. Hertz demonstrou através de suas experiências que as ondas eletromagnéticas têm a mesma velocidade das ondas de luz. Em homenagem à sua descoberta, as ondas de rádio são conhecidas como “Ondas Hertzianas”, e a unidade de frequência do rádio é chamada de “Hertz”.

Mas não era somente nos países mais avançados que a busca por novas descobertas no campo da tecnologia, da ciência e consequentemente dos meios de comunicação se fazia presente. No Brasil, o pioneirismo do padre, cientista e engenheiro gaúcho Roberto Landell de Moura faz com que ele opere, em 1893, a primeira transmissão de fala por ondas eletromagnéticas, sem fio. Mesmo não tendo sua

experiência reconhecida mundialmente, no Brasil ela é considerada como um fato histórico na cronologia do rádio.

Já mundialmente, é o cientista italiano Guglielmo Marconi que carrega o título de “descobridor do rádio”. Marconi realizou em 1895 testes de transmissão de sinais sem fio pela distância de 400 metros e depois pela distância de dois quilômetros. Ele também descobriu o princípio do funcionamento da antena. Em 1896, Marconi adquiriu a patente da invenção do rádio, enquanto Landell só obteve o patenteamento em 1900.

Em um contexto social e econômico em que tudo era uma nova “descoberta”, César destaca a importância desses avanços tecnológicos tanto para a imprensa quanto para a sociedade da época.

O surgimento constante de inventos (técnicas de impressão de grandes tiragens) auxiliou o crescimento da difusão da notícia. O telégrafo e outros meios que foram surgindo com o emprego da eletricidade – telefone, cinema e o próprio rádio – favoreceram sua consolidação. A imprensa deixava para trás uma época em que a maior parte da população era excluída de uma vida social e política tão-somente pelo descobrimento dos fatos. O consumo da informação passa a ser em massa (CÉSAR, 2005, p. 180).

O autor ainda complementa sobre o surgimento do novo meio de comunicação que se inseriu no contexto de inovação e de agilidade em que o mundo começava a se inserir.

À medida que as novidades tecnológicas se incorporavam à comunicação, os meios de informação se afirmavam. O homem, na ânsia de vencer barreiras no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo, que o início do século XX embalou uma demanda febril da comunicação: o rádio (CÉSAR, 2005, p. 180).

2) A CHEGADA DO RÁDIO AO BRASIL

No Brasil, a implementação do rádio aconteceu após a Primeira Guerra Mundial. Com a consolidação do capitalismo no mundo, os países mais desenvolvidos estavam interessados em atingir novos mercados consumidores, ampliando seu alcance de suas empresas e de seus lucros. De acordo com Ferrareto, é dentro desse contexto que o rádio chega ao Brasil.

O capitalismo tende, portanto, à busca de mercados cada vez maiores, internacionalizando seus interesses. Com o rádio, ocorre deste modo, processo semelhante ao dos serviços telegráficos e telefônicos, de início operados predominantemente por empresas estrangeiras (FERRARETO, 2001, p. 93).

Os primeiros registros de funcionamento de emissoras de rádio ocorrem no Brasil por volta de 1919. Nesse período, as emissoras pertenciam a associações e tinham sua programação transmitida de forma amadora e irregular. A primeira emissora, a *Rádio Clube de Pernambuco*, em Recife, foi fundada por um grupo de jovens, porém carecia de frequência e continuidade.

A primeira demonstração pública de radiodifusão sonora ocorre em 7 de setembro de 1922, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro – capital do país na época –, patrocinada pelo governo em comemoração ao centenário da Independência e comandada por uma empresa norte-americana, a *Westinghouse*. Por meio de alto-falantes, o público pode ouvir o discurso de autoridades, além de uma apresentação do livro *O Guarani*. Também na Exposição, outra empresa estrangeira, a *Western Electric*, implementou seu estande com transmissores de 500 Watts cada, marcando assim o evento com a grande novidade da radiodifusão (FERRARETO, 2001).

O sucesso do evento foi tanto que o governo brasileiro interessou-se pela implantação do rádio no Brasil. Pioneiros do rádio, liderados por Edgar Roquette-Pinto, deflagram o início concreto e oficial da radiodifusão no país, por meio da fundação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, no ano de 1923. A primeira transmissão realizada pela emissora ocorre no dia 1º de maio daquele ano, através do empréstimo, por parte do governo, de transmissores que eram utilizados para a radiotelefonia.

Durante uma hora por dia, as transmissões eram realizadas pela emissora. A programação, no entanto, demorou a ser organizada. O equipamento precário e a falta de prática dos idealizadores se distanciavam de uma radiodifusora padrão. O objetivo de Roquette-Pinto era apresentar uma programação cultural, um tanto elitista e idealista. Os tropeços e dificuldades dos primeiros meses foram até mesmo motivo de piada entre os meios de comunicação impressos. Aos poucos, porém, a emissora vai se adequando a um novo perfil de público, como destaca o próprio Roquette-Pinto.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta elevado. (ROQUETTE-PINTO *apud* FERRARETTO, 2001, p. 97).

O rádio também foi alavancado pelo clima de modernização que começava a se instaurar no país, naquela década. A urbanização das cidades Brasil afora, os movimentos trabalhistas e intelectuais reforçavam o desejo por um meio de comunicação inovador, ágil, popular. Essa intenção começou a ser concretizada em 1924, quando surge uma nova emissora no cenário radiofônico do Rio de Janeiro, a *Rádio Clube do Brasil*, que passa a utilizar a estrutura de transmissão da “Praia Vermelha” (pertencia ao governo). Têm início às primeiras tentativas de transmitir programas informativos ao público ouvinte. Também é a *Rádio Clube* a primeira emissora a obter permissão para transmitir espaços publicitários, dando o pontapé inicial para a consolidação da propaganda como fonte de renda e lucros das emissoras nacionais, que se proliferam por todo o país nos anos seguintes.

De 1923 até o início da década de 30, surgem emissoras em diversos estados brasileiros. Quando a publicidade é regulamentada em 1932, dando início a uma nova fase na história da radiodifusão sonora do país, o veículo está presente na Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo (FERRARETTO, 2001, p. 101).

Foi ao longo do tempo, e através do avanço do rádio pelo país, que o veículo de comunicação começou a ganhar novos contornos e seus produtores passaram a tomar consciência de sua dimensão e de seu potencial,

A arte da improvisação aconteceu muito, até o rádio começar a entender que para usar todo o seu potencial, precisava se organizar; só então, o rádio disparou em termos de produção, de qualidade de programação e, principalmente, de informação (SAMPAIO *apud* ORTRIWANO, 2002/2003, p. 66).

Um dos pontos importantes, que destaca o rádio como indústria cultural e desperta seu potencial econômico e político, além da legalização da propaganda, foi o cenário de revoluções dos anos 30, quando o rádio assume importância como meio de

informação política, mobilizando oposições ao governo e ainda adquirindo um papel de formador de opinião.

Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, temos o surgimento do radiojornalismo em São Paulo, mais em termos de editoriais, muitas vezes com fortes conotações de parcialidade. Experiências de diversos formatos jornalísticos estiveram presentes nas emissoras paulistas desde o início, mas era a primeira vez que o rádio era utilizado no Brasil como instrumento de mobilização popular. César Ladeira, que ficou conhecido como o “Locutor da Revolução”, conclamava o povo pela Rádio Record a pegar em armas por uma Carta Constitucional (ORTRIWANO, 2002/2003, p. 70).

O governo inclusive percebe a importância de definir os parâmetros da radiodifusão no país, lançando os Decretos nº. 20.047 (Licença para a radiodifusão), em 1931, e nº. 21.111 (autorização para veiculação de propaganda), em 1932. A partir daí, a faceta do rádio começa a ser mais bem desenhada. É assegurado o perfil educativo e cultural do meio, porém agora com características mais comerciais. O radiojornalismo também começa a se consolidar, sendo garantida na programação uma hora de programa noticioso obrigatório, *A Hora do Brasil*, que é veiculada até hoje como *A Voz do Brasil*.

Mas é a partir da década de 40 que o rádio atinge seu apogeu. Com a aproximação do Brasil com a cultura norte-americana, devido ao perfil político e econômico mundial da época, o acesso a equipamentos e estruturas mais desenvolvidas e a uma programação mais massiva e diversificada ganha força no país. Assim, inicia-se a época de ouro do rádio, em que o entretenimento vira seu grande filão. É época em que o rádio assume uma atmosfera de *glamour*, que passa a alimentar a imaginação e os sonhos do povo, a ditar comportamentos, moralidades, modismos e produtos culturais através de programas de auditório, humorísticos e radionovelas. A era de ouro do rádio se sustentou durante toda a década de 40 e meados dos anos 50, quando surge um novo meio de comunicação que conquista o público mundo afora: a televisão.

3) RADIOJORNALISMO

O rádio se consolidou como o principal veículo de comunicação no país, entre as décadas de 40 e 50. Com a chegada da televisão, em meados da década de 50, o rádio entrou em decadência nos grandes centros. No interior, porém, o cenário demorava a se modificar. Em municípios e comunidades distantes, o rádio ainda era a forma mais acessível ao povo de adquirir informação, e a televisão ainda não fazia parte de sua realidade.

O jornalismo no rádio também começou a ser definido à medida que o suporte comunicacional se desenvolvia. Apesar da grande característica do rádio nessa época ser o espetáculo, a valorização do entretenimento, o radiojornalismo conseguiu adquirir importância através de programas que se solidificaram na grade das emissoras. Além disso, o contexto essencial para a formalização do radiojornalismo foi a Segunda Guerra Mundial.

O programa pioneiro, que trouxe para as emissoras brasileiras a estréia do jornalismo radiofônico, foi o *Repórter Esso*, no dia 28 de agosto de 1941. Primeiramente transmitido na *Rádio Nacional*, no Rio de Janeiro e na *Record*, em São Paulo, já no ano seguinte, em 1942, o *Repórter Esso* se estendeu para as emissoras *Inconfidência*, em Minas Gerais, *Jornal do Comércio*, em Pernambuco e *Farroupilha*, no Rio Grande do Sul. Nas palavras de Ferrareto, “a maior contribuição do *Esso* foi a introdução no Brasil de um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado” (2001, p. 127).

O formato se consagrou no meio radiofônico, dando ao *Esso* a credibilidade que lhe manteve no ar por 27 anos, até sua última edição, apresentada por Roberto Figueiredo, em 31 de dezembro de 1968. Outros locutores também fizeram história com o noticiário, como Heron Domingues (RJ), Dalmácio Jordão e Fábio Perez (SP), Rui Figueira e Lauro Hagemann (RS), Aloísio Campos (MG) e Edson Almeida (PE).

Mas o radiojornalismo não se manteve apenas com o *Repórter Esso*. Os departamentos de jornalismo conquistaram seu espaço nas emissoras do país. O primeiro radiojornal do país foi o *Grande Jornal Falado Tupi*, marcado pela presença característica dos moldes de um jornal impresso.

No início, a identificação do noticiário como o cabeçalho de um periódico impresso. Depois, a marcação da sonoplastia, as manchetes a reproduzir a capa de um jornal. Seguiam-se as notícias agrupadas em blocos – política, economia, esportes... – tal qual faziam os diários com suas editorias (FERRARETO, 2001, p. 130-131).

Até os anos 30, devido à falta de estrutura radiofônica da época, os radiojornais trabalhavam com o que possuíam em mãos: os jornais impressos. Até se tornar um meio de utilidade pública, como defende César, ou mesmo fonte de notícias para as outras mídias, como ocorre nos dias de hoje, o radiojornalismo precisou passar por constantes aprimoramentos, tanto de sua técnica, quanto de seus locutores e jornalistas. No Rio

Grande do Sul, Ferraretto destaca algumas tentativas de reportagem na rádio Farroupilha, nos anos 20, 30 e 40.

Muito mais próximas do espetáculo do que da informação, tentativas como a descrita por [Ernani] Behs davam a noção das possibilidades oferecidas pelo rádio em termos de transmissão externa e, como fizeram, nos anos 30, Nilo Ruschel e Bolívar Fontoura, de acompanhamento dos fatos. Assim, na virada da década de 40 para a de 50, já ocorriam manifestações consistentes da reportagem. Um exemplo é a cobertura dos incêndios criminosos que destroem o Tribunal de Justiça, em 19 de novembro de 1949, e a Central de Polícia, em 14 de janeiro de 1950 (FERRARETTO, 2002, p. 217).

O jornalismo no rádio teve desde seu início um forte aliado: o radiojornalismo esportivo. Transmissões de jogos de futebol, de automobilismo, boxe e outros esportes também atraíam o público ouvinte e patrocinadores. O estilo diferenciado de locução, protagonizado pelo primeiro locutor esportivo da época, Nicolau Tuma, consagrou o rádio como um meio de comunicação que consegue transmitir emoção.

Em uma mescla entre emoção e credibilidade, o rádio, mesmo com o advento da televisão, se consolidou como veículo de informação e entretenimento e o radiojornalismo se definiu cada vez mais ao longo do tempo.

4) O SURGIMENTO DE FREDERICO WESTPHALEN

A região do Médio Alto Uruguai passou a integrar a divisão territorial gaúcha por volta de 1875. A área composta por densas florestas foi colonizada por imigrantes, mas sempre teve uma presença marcante dos povos indígenas. A região em que se situa hoje Frederico Westphalen pertencia à cidade de Palmeira das Missões. Devido à passagem de viajantes pelo território que dava acesso a Águas do Mel (atual Iraí), a Comissão de Terras e Colonização de Palmeira das Missões, presidida por Dr. Frederico Westphalen, decidiu abrir uma estrada que facilitasse o acesso pela região. Durante dois anos, de 1917 a 1919, a estrada foi sendo aberta, e uma das áreas, local onde foi colocado um grande barril de água, foi fundada um povoado, conhecido como Barril, que pertenceu ao Distrito de Fortaleza, até 1928.

A partir da colonização oficial, voltada em especial para os colonos, foi se delineando o atual município de Frederico Westphalen. Os colonos, vistos com “apreciáveis valores humanos”, caracterizados pelo trabalho e pela família, transformados em pequenos proprietários estariam contribuindo para o progresso do estado (JACOMELLI, 2002, p. 69).

Segundo Jacomelli, famílias foram instalando-se na região, em busca de terras, decretando, em 1928, a criação de um novo distrito de Palmeira, nomeado como Frederico Westphalen. A emancipação do Distrito viria somente 26 anos depois, em 1954, mas, durante esse tempo, a comunidade assumiu seus primeiros traços culturais, herdados de seus colonizadores. Talvez a principal característica, que perdura até hoje seja a religiosidade. O próprio Monsenhor Vítor Batistella descreve o valor da Igreja Católica para o Distrito de Frederico Westphalen, já nas décadas de 30 e 40.

A Igreja apresentava-se invariavelmente como centro da vida comunitária rural, da mesma maneira como acontecia nas aldeias e vilas, enquanto a agitação febril mundana não as invadisse. Em redor da igreja surgiam as demais coisas necessárias à vida coletiva; a escola, casa comercial, bodegas, ferraria, salão de festas. A igreja era forçosamente o ponto de referência dos encontros domingueiros (BATISTELLA, 1969, p. 38).

A Catedral Santo Antônio, que hoje é marco do município de Frederico teve seu início através da construção de um modesto oratório, em uma capelinha, no ano de 1921. A vida calma, ligada à religiosidade, a distância dos grandes centros, a economia baseada na agricultura, a cultura balizada nas raízes dos colonizadores: esse era o contexto do então Distrito de Frederico Westphalen, que logo se tornaria sede de uma das principais emissoras de rádio da região gaúcha do Médio Alto Uruguai.

5) A RÁDIO LUZ E ALEGRIA

A igreja foi fator decisivo para a implantação de uma rádio em Frederico Westphalen, antes mesmo de sua emancipação. Monsenhor Vítor Batistella, que desembarcou no Distrito em 13 de maio de 1932, foi o grande mentor da instalação da emissora *Luz e Alegria*. Segundo ele, já na década de 40 se sentia a necessidade de criar uma forma de divulgação de informações na localidade, e assim surgiu a oportunidade.

Em 1944, o Dr. Pascoal Pery Gorrese, de Porto Alegre, encontrava-se aqui em rápido estágio. Sendo também notável rádio-técnico, construiu e acoplou

à Amplificadora Luz e Alegria, já há mais tempo existente na paróquia, um aparelho transmissor, de onda curta. Treinou-me e, meses depois, obteve-me o prefixo PY – 3TN. Tornei-me assim o primeiro radioamador de Frederico Westphalen (BATISTELLA, 1969, p. 149).

Mons. Vítor Batistella destaca que o início das operações do transmissor causou “alvorço” entre a população. Com alcance de 15 quilômetros, o transmissor acabou originando uma pequena emissora, sem fins lucrativos e com a finalidade de prestar serviços de entretenimento e informação para a comunidade local. A emissora operou durante anos sem licença devido à dificuldade e à burocracia da época. Fechada duas vezes por não estar legalizada, Mons. Vítor Batistella lutou pelo registro da rádio nos órgãos oficiais “Em 7 de julho de 1954, encaminhei requerimento ao Ministro da Aviação e Obras Públicas, solicitando registro da pequena emissora, com ampla exposição de motivos” (BATISTELLA, 1969, p. 150).

Com a ajuda do deputado Tarso Dutra, Mons. Vítor Batistella (1969) organizou a emissora na forma de uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, tendo como sócios João Muniz Reis e Henrique Caovilla. A regularização, no entanto, ainda passou por outras dificuldades, de ordem tanto política quanto financeira. Com a portaria de autorização expedida em 21 de junho de 1956, a emissora ainda precisava se adequar para reabrir dentro do prazo de dois anos. Após pesquisa em mercado, foi adquirida com a ajuda da Sociedade Beneficente do Hospital de Caridade e da União dos Agricultores e Criadores, a aparelhagem necessária para a nova instalação da rádio, bem como de uma nova antena, comprados em São Paulo, da marca Telefunken.

A emissora entra no ar no dia 28 de julho de 1957, com a presença de autoridades regionais e população em geral, que aplaude de pé a iniciativa de se consolidar um meio de comunicação no município. Mesmo com tamanho apoio, ainda surge uma denúncia anônima que indicava que a rádio estaria operando com mais do que fora permitido: 100 Watts. Com a ajuda de um inspetor de Porto Alegre, no entanto, Mons. Vítor Batistella (1969) consegue desfazer a intriga e, enfim, a *Luz e Alegria* consegue operar legalmente.

Começa assim, oficialmente, a história de uma das emissoras mais importantes da região do Médio Alto Uruguai, que se consolidou ao longo de seus 54 anos de existência como fonte de informação e entretenimento.

6) RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Rádio Luz e Alegria*, como já mencionado acima, foi idealizada e implantada por Monsenhor Vítor Batistella. Pioneira no município de Frederico Westphalen, a emissora enfrentou diversos obstáculos até sua legalização, em 1957. Mas foi ainda na década anterior que a antiga Vila Barril acordou com um som diferente. Em 1944, através da implantação de um sistema de alto-falantes, se constituiu o que passou a ser denominado de “*Amplificadora Luz e Alegria*”. A fundação da Rádio se deu em 1952, com registro na Junta Comercial do estado. No dia 8 de agosto daquele ano, a rádio riscava o espaço do Médio Alto Uruguai, na frequência de 1450 kHz, com uma programação que durava o período de duas horas por dia, três vezes por semana.

Euclides Argenta, locutor da *Rádio Luz e Alegria* por mais de 40 anos, destaca o entusiasmo de Monsenhor Vítor Batistella para implantar o veículo de comunicação: “*O começo da rádio foi muito trabalhoso, tanto para ser colocada no ar, quanto depois, para legalizá-la. Tudo começou quando, ao sair do seminário, Monsenhor Vítor Batistella, foi designado para Frederico Westphalen, então Vila Barril e, estimulado pelo jornal que comandava em São Leopoldo, decidiu investir em um novo veículo de comunicação. Primeiramente, ele colocou um radioamador. Estava quase realizado. Quase, porque a partir daí ele passou a querer implantar uma emissora na Vila*”.

Jaime Locatelli, ex-radiotécnico, também destaca a realidade da época: “*Foi nesse período que os primeiros aparelhos de rádio começaram a ser fabricados, de forma artesanal, na Vila Barril. O responsável pela primeira loja radiotécnica foi o alemão Heberat Gabler, que veio para a Vila através de seu tio, que era dono de uma farmácia na localidade. Formado na Alemanha do pós-guerra, quando Gabler chegou aqui, tudo era novidade para ele. A loja era uma espécie de oficina de rádio, na linha Rocha, na qual ele mesmo projetava o aparelho e fabricava além de consertar os que existiam por aí*”. Segundo Locatelli, as rádios ouvidas eram de Porto Alegre, em especial a rádio Farroupilha, e algumas poucas rádios da região nos municípios de Palmeira das Missões, Iraí e Três Passos. Foi a partir daí que Monsenhor investiu na produção de um radioamador: “*Monsenhor Vítor era um apaixonado por comunicação. Ele era um visionário, Frederico deve muito a ele*”, considera Locatelli.

Argenta e Locatelli destacam a dificuldade de se implantar o meio em uma localidade tão distante dos grandes centros: “*No começo ninguém entendia de leis de*

radiodifusão, nem mesmo o Monsenhor Vítor. Os processos para regularização se estendiam por anos. O procedimento só engrenou com a ajuda dos deputados Brezolin e Tarso Dutra. A fiscalização na época era muito rigorosa. Mesmo com tantas dificuldades, a rádio logo caiu no gosto do público. Quando Monsenhor colocou os alto-falantes naquela torre antiga de madeira, no alto da igreja, as pessoas pararam para ouvir a novidade”, explica Argenta.

Antes de se tornar locutor, Euclides Argenta trabalhava na rádio como operador de som. Na época, o meio de comunicação não oferecia bons salários e, por isso, os funcionários precisavam exercer outras atividades para garantir uma melhor renda mensal. Argenta, por exemplo, trabalhava na rádio até as 9 horas da manhã. Das 9 horas até o meio-dia, era enfermeiro; à tarde, cuidava de sua loja de eletrotécnica; à noite, era taxista; e, aos sábados, vendia produtos coloniais em localidades da região. Locatelli após um tempo trabalhando como auxiliar de rádiotécnico, também abriu sua própria loja.

Esse contexto revelava também a precariedade de profissionais qualificados, além da dificuldade de manuseio dos aparelhos da época. Os discos eram de resina, com apenas uma música em cada lado. A aparelhagem era pesada e complexa, sendo necessário, às vezes, chamar um engenheiro para manuseá-los e, por isso, Monsenhor estava sempre à procura também de profissionais radiotécnicos. Ademais, ser ligado a um meio de comunicação era na época motivo de certa fama. Argenta explica que o trabalho dava visibilidade, além de ser prazeroso. Só deixava de ser quando algum problema técnico dificultava o labor: *“Era muito bom trabalhar na Rádio, exceto quando caía algum raio. Certa vez, havia duas linhas, uma para um telefone à manivela e outra para áudio. Essas linhas corriam por entre as árvores e à noite, durante uma tempestade, caiu um raio tão forte que 'pitoquiou' toda a antena de transmissão. Foi necessário consertar os equipamentos rapidamente. Arrumamos assim apenas uma linha, e no mesmo dia conseguimos levar a transmissão ao ar”.*

Diante dessa realidade, Argenta acabou indo para os microfones por necessidade: *“Como o número de funcionários era muito pequeno, cerca de quatro pessoas no início, fui convidado pelo Monsenhor a apresentar algumas programações. No começo, ao final das minhas transmissões, o Mons. me ligava e dizia ‘bah, mas tu leu muito mal aquela notícia, vai fazer exercício em casa’”,* conta Argenta. Já Locatelli relembra ter sido a primeira voz a ir ao ar: *“Diretamente do edifício Vera Cruz, está no*

ar a nova Rádio Luz e Alegria, na frequência de 1.450 MHZ, 250 kwz. Solicitamos aos ouvintes que nos dêem retorno de que está recebendo o sinal. Esse foi o texto que Mons. Vítor me passou para ler na primeira transmissão realizada pela rádio”, conta o ex-locutor.

De acordo com Argenta, a rádio, de início, não produzia muitas notícias. A programação se dividia entre músicas, recados, anúncios de casamentos, missas e as chamadas dedicatórias. “Quando havia algum casamento, em Palmitinho, por exemplo, era um show, ninguém ia dançar até ouvir todas as dedicatórias para o casal. Em outros momentos, muitos moradores iam à casa de algum vizinho que tivesse um aparelho de rádio para ouvir as mensagens”, diz Argenta. Segundo o locutor, o repertório musical era buscado na capital gaúcha, e era formada por canções de gaitas nordestinas e duplas sertanejas como *Tonico e Tinoco* e *Ferreira e Ferreirinha*. Além da programação musical era realizado serviço de utilidade pública na época: “Monsenhor Vítor gostava de irradiar música alegre e simples, bem ao gosto da nossa gente do interior. Mas, não se descuidava de ensinar ao povo tudo sobre higiene, cultivo da terra, ecologia (desmatamento e queimadas), principalmente as queimadas, tornando o solo em pouco tempo improdutivo; e tantos outros conselhos”.

Uma das razões pela qual a emissora dedicava atenção à parte musical reside em uma inclinação pessoal de seu idealizador.

“Na minha vida sempre gostei de música”. Confessou Monsenhor Vítor. De fato foi um inveterado apreciador da arte sonora. Seu sobrinho, João Batistella Sobrinho, de Tapera, recorda da paciência que era preciso quando acompanhava o tio na compra de discos: queria ouvir todas as músicas da discoteca! (SPONCHIADO, 1989, p. 119).

Além das músicas, anos mais tarde também eram buscadas (na forma de rolos de fita, em Porto Alegre) as radionovelas, que alcançavam grande audiência. Segundo Argenta a mais famosa foi *Caboclinha*. “Foi uma explosão de audiência. Era transmitido um capítulo de 30 a 45 minutos por tarde, após o jornal do meio-dia”, conta. De acordo com o locutor, desde as primeiras transmissões sempre houve uma grande preocupação com a qualidade e o conteúdo das programações e, ainda segundo ele, esse foi o fator decisivo para se construir o respeito adquirido pela emissora ao longo do tempo.

Argenta relata que a busca por bons equipamentos, por novidades na programação e por bons profissionais, foi uma constante. Na época, a principal característica analisada para selecionar um locutor era a voz, que deveria ser grossa e imponente, bem ao costume do rádio de então. Porém, os locutores foram se mostrando sempre motivados e criativos: *“Nós criávamos programas. ‘Dois dedos de prosa’ e ‘Turma da Pesada’, são dois exemplos de grande audiência. Alguns locutores até criavam personagens para divertir o público”*.

Locatelli relembra ainda a grande influência exercida pela *Rádio Luz e Alegria* na época, como única fonte de informação e entretenimento, já que não existia pela região aparelhos televisores e os veículos de comunicação impressos só chegaram com algum peso na localidade com a fundação do jornal *O Alto Uruguai*, por Vitalino Cerutti, e mesmo com sua implantação, o periódico enfrentou altos e baixos: muitas pessoas da comunidade contribuíram financeiramente com o periódico, até que ele se consolidasse. Foi a partir disso inclusive, que pela primeira vez teve início alguma formação de concorrência entre meios de comunicação locais.

O *AU* permaneceu de cinco a seis anos em funcionamento em um prédio em frente à *Rádio Luz e Alegria*. Porém, as divergências políticas eram visíveis. Segundo Argenta a emissora não chegava a se envolver muito com a política. Mas Adejalmo Cerutti, filho de Vitalino relembra que, ao ser fundado o jornal, surgiu uma certa divisão de posicionamentos entre os dois veículos comunicacionais: *“Havia uma guerra ferrenha entre os dois veículos, devido aos posicionamentos políticos de cada um. A Rádio Luz e Alegria era porta-voz do extinto partido Arena. Já o Jornal O Alto Uruguai era porta-voz do PTB. Isso ficou bem claro, bem dividido. Os posicionamentos, no entanto, ficavam mais entre os colunistas, que expunham claramente sua opinião. Mas a disputa era mesmo bem marcada. Inclusive o pessoal da Arena não podia publicar no jornal e o pessoal do PTB não podia anunciar na Rádio”*, destaca.

Locatelli reafirma que a emissora, porém, detinha maior poder de influência, na época, em especial por sua ligação com a Igreja, já que a comunidade frederiquense possui uma sólida formação católica. Além disso, Monsenhor Vítor Batistella dispunha de grande carisma, sendo muito habilidoso em colocar seus sermões, representando assim uma figura de grande influência para a região. O objetivo da Igreja Católica na época não era abrir emissoras de rádio e sim catequizar a população, entretanto o

município de Frederico Westphalen recebeu um padre que acreditava muito no poder da comunicação através deste veículo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desses depoimentos, percebe-se que a *Rádio Luz e Alegria* seguiu basicamente os passos observados na difusão do rádio no país, resguardada a diferença temporal devido ao desenvolvimento mais tardio da região do Médio Alto Uruguai em relação aos grandes centros do país. Porém, assim como em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, a chegada do rádio se dá no momento em que começa a se formar uma comunidade mais organizada, um comércio mais expressivo, enfim, com o despertar do progresso.

Como citado anteriormente no artigo, o rádio chega ao Brasil com o objetivo de ampliar um mercado consumidor externo aos Estados Unidos, legitimando o sistema econômico que se consolidava cada vez mais: o capitalismo. Na Vila Barril, mesmo sendo inicialmente sem fins lucrativos, a *Rádio Luz e Alegria* surge em um momento em que a sociedade começa a se desenvolver, com o objetivo de se tornar um município. A emissora se consolida dois anos após a localidade alcançar sua emancipação, construindo assim uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que o contexto social potencializa o crescimento da Vila, estimulando a instalação da emissora, também a própria emissora se constitui em um meio que incita ao crescimento local.

Ao se instalar na localidade, nos anos 40, a *Rádio Luz e Alegria* tendia a seguir os modelos de programação apresentados nas grandes emissoras do país. Entra assim, gradativamente, no ciclo que começa pelas transmissões de cunho educativo e de serviço, ao estilo idealizado por Roquette Pinto, como explicitado no depoimento de Euclides Argenta. Nesse período, era comum que a programação se consistisse na transmissão de dedicatórias e informações que variavam da higiene ao desmatamento, ou que se consistisse em “conselhos”, como denominava paternalmente Mons. Vítor.

Após essa primeira fase, análoga ao que realizava a rádio educativa de Roquete Pinto nos anos 20, a emissora começa a direcionar sua programação aos moldes do rádio como espetáculo massivo. Segundo Ferrareto,

Com a regulamentação da publicidade, a indústria e o comércio ganham um veículo para atingir a população, inclusive os analfabetos. Na década anterior, os programistas já haviam começado a sepultar os objetivos educativo-culturais de pioneiros como Edgar Roquette-Pinto (FERRARETO, 2001, p. 104).

Ainda de acordo com o autor, o rádio vive na década de 50 a sua época de ouro. Ferrareto descreve a fase como “caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, radionovelas e humorísticos” (2001, p. 112). Na emissora frederiquense, se observa a consolidação de um repertório que envolvia as famosas radionovelas, programas bem sucedidos como *Dois dedos de prosa* e *Turma da Pesada*, e um bom investimento em acervo musical.

É no período entre guerras que o uso político da radiodifusão no país começa a se dar de forma mais intensa. Na *Rádio Luz e Alegria*, esse uso é local, em um cenário de disputas que se exacerbou nos anos 60, envolvendo a emissora e o então recém fundado primeiro jornal impresso frederiquense, *O Alto Uruguai*. Como declarou Adejalmo Cerutti, os dois veículos de comunicação defendiam posicionamentos políticos opostos, que eram expressos em suas produções. Especialmente a Rádio, antes mesmo do surgimento do *AU*, exercia um poder de influência bastante expressivo na comunidade local, levando inclusive alguns locutores a investirem – de forma bem sucedida – em cargos da política municipal.

É durante a Segunda Guerra Mundial que tem espaço no país o surgimento do radiojornalismo, que tem como programa precursor o *Repórter Esso*. Na *Rádio Luz e Alegria*, o aperfeiçoamento da programação e o desenvolvimento do município também levam à produção de programas jornalísticos, com informação e notícias – ainda que, seguidamente, fazendo uso de recursos como recados e “conselhos”, ao invés de um formato mais propriamente radiojornalístico.

Ferrareto destaca por fim, o contexto do rádio após o encerramento de sua “época de ouro”.

(...) começa a ocorrer uma segmentação proporcionada, em princípio, pela divisão do espectro em dois ramos com características próprias de som e abrangência. Seguindo a tendência verificada após o final do rádio espetáculo, as estações de amplitude modulada concentram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e na prestação de serviços à população. (...) Nas FMs, predomina a música. Inicia um processo de divisão de público que vai se consolidar nos anos 80 (FERRARETO, 2001, p. 155).

As características descritas na citação por Ferrareto, se materializam na *Rádio Luz e Alegria* nos anos 80, época em que a emissora frederiquense já estava mais estruturada. Em 1989, é inaugurada a 95.5 FM, filial da *Rádio Luz e Alegria Ltda.* Assim, a programação passou a ser mais segmentada: a 1.160 AM apresenta uma programação mais voltada para o jornalismo e músicas populares e a FM atende a um público mais jovem, com uma programação mais moderna e dinâmica.

Além disso, a partir do ano de 2002 a emissora se filia a *Rede Gaúcha Sat*, agência de notícias que interrompe a programação de hora em hora para transmitir notícias a nível estadual e nacional.

Diante desse histórico de desenvolvimento, a *Rádio Luz e Alegria* cumpre seu papel de meio de comunicação pioneiro, difusor do entretenimento e da informação, mantendo a característica destacada por Haussen enquanto componente essencial do rádio: a sua proximidade com a comunidade local.

Além da participação na cultura, na política e na economia do país, é preciso ressaltar, ainda, o seu papel integrador. No início, através, principalmente, da Rádio Nacional, mas, também, das emissoras locais que replicavam os acontecimentos de interesse da nação, por meio dos seus microfones. Na atualidade, as diversas possibilidades de transmissão das suas mensagens, oportunizadas pelo avanço tecnológico, permitem maior visibilidade do país e dos acontecimentos internacionais. Por outro lado, a característica principal do veículo continua sendo a da proximidade com a comunidade local (HAUSSEN, 2004, p. 58).

Assim, de maneira acessível às mais diferentes camadas da população, a *Rádio Luz e Alegria* mostra que se consolidou e se moldou ao longo do tempo, garantindo sua expressividade e importância no seu contexto local e cultural contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTELLA, Mons. Vitor. **Painéis do passado**. Frederico Westphalen: Marin, 1969.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. In: BARBOSA FILHO; PIOVESAN; BENETON (orgs.). **Rádio – sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 51-62.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

ORTRIWANO, Gisela S. **RADIOJORNALISMO NO BRASIL: Fragmentos de História, A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Revista USP**. São Paulo, n.56, p. 66-85, dez. 2002 / fev. 2003.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Mons. Vítor Batistella na história de “Barril”**. Passo Fundo: Berthier, 1989.

ANEXOS

**APÊNDICE III. Entrevista com o locutor Euclides Argenta
Com quantos anos você começou a trabalhar em rádio?**

Em 1956. Faz 54 anos.

Frederico é de 55, então o município tinha um ano. E como foi essa história?

O começo do rádio foi muito trabalhoso. Monsenhor Vitor teve muito trabalho para botar essa rádio no ar e depois muito trabalho para conseguir a homologação.

Essa ideia de colocar uma rádio em Frederico Westphalen, como é que foi? Porque a gente sabe que naquela época rádio não era como hoje, fácil de colocar.

Exato. Monsenhor Vitor Battistela, quando saiu do seminário, ele nos contou a história. Ele tinha um jornal e os auxiliares dele, repórteres, pauteiros, e aquilo começou a entusiasma-lo a querer ter um veículo de comunicação melhor, tanto que chegou a época em que ele botou um radioamador. Ele estava quase realizado, mas ele precisava pôr uma emissora de rádio.

Então dá para dizer que monsenhor Vitor Battistela gostava de comunicação.

Gostava de comunicação. Começou com um jornal. No tempo que ele era seminarista ele tinha o jornal e aquilo lá depois de formado, depois que botou a batina e foi designado pra Frederico, parece que antes disso ele ficou em São Sepé.

O fato de ele gostar de comunicação em função de ser padre, no caso?

Também, claro, bem mais fácil dizer uma pessoa guardada às devidas proporções. Se Jesus Cristo tivesse microfone em sua época...

Com certeza! E também um padre diferenciado, porque não é todo padre que tem essa visão de colocar um meio de comunicação.

É, e o começo do rádio, primeiro porque ninguém entendia sobre leis de radiodifusão, e o monsenhor também não. Os primeiros processos se estendiam por anos e anos. E o monsenhor trabalhou muito nessa rádio por mais de dez anos sem autorização. Isso que chama a atenção da gente. Até que surgiu a ideia de arrumar um deputado. Ele escreveu ao deputado Antonio Brizolin, que compilou num caderno as principais leis da radiodifusão. E depois o engenheiro fez o processo de viabilização e por fim o deputado

Tarso Dutra reabria a rádio toda vez que fechava, e ela fechou umas quatro vezes nesses seis anos.

Quem a fechava?

Naquela época era a Viação e Obras Públicas que tinha relação com os Correios e Telégrafos. E eles recolhiam mesmo os aparelhos e levavam para Santa Maria.

Havia uma fiscalização mais acirrada em cima das rádios?

Era muito acirrada, tanto é que uma vez queriam fechar a Luz e Alegria.

O senhor acredita em função do regime político da época?

Também. O Tarso Dutra é hoje, naquela época tanto ele como o deputado Brizolin, eles tinham sido convidados para ser patronos da rádio Luz e Alegria, isso na década de 50 e começo de 60.

A primeira transmissão com rádio, porque antes era sistema de alto-falante...

O alto-falante é que chamou a atenção dele, inclusive, ele tinha o radioamador dele e falava não só para o Brasil, ele falava para a América Latina.

Então podemos dizer que a história da rádio em Frederico, que é a história da Luz e Alegria, começou com um radioamador, um sistema de alto-falante que depois se transformou em rádio.

Exato. Quanto ele botou o amplificador e um alto-falante no oitão da antiga igreja de madeira e todo mundo ouvia, aí começou o nome de amplificador da Luz e Alegria.

Mas amplificador era um sistema de som?

Era um sistema só de som.

E esse sistema de som ia longe?

Ia longe.

Pegava a vila. E tinha um alto-falante na torre da igreja?

Na torre da igreja, e ia longe.

O senhor lembra quando foi a primeira transmissão como rádio, com um transmissor?

Não lembro onde foi a primeira, se foi em Taquaruçu ou Palmeira das Missões, mas me parece...

Não, digo a primeira transmissão da rádio, que ela entrou no ar.

Oficialmente em julho de 57, que ela faz aniversário.

Em caráter experimental?

Como rádio ela entrou no ar em 47, antes do município. Foi criada a rádio Luz e Alegria Ltda., tendo criada a razão social e tendo como sócios o diretor, monsenhor Vitor Battistela, João Muniz Reis, o primeiro prefeito, mas antes dele ser prefeito, e Henrique Caovilla, meu tio. Todos já são falecidos.

Quando a rádio começou a operar dentro da legalidade?

Dentro da legalidade, quando os deputados começaram depois que ele apresentou o processo de engenharia viabilizando a rádio para Frederico Westphalen, aí os deputados tanto o Brizolin como o Tarso Dutra conseguiram em 1956 a homologação número 303. Aí o governo de um prazo de um ano para colocar no ar. Então, rapidamente foi buscado um aparelho de 100 watts que tinha disponível em São Paulo e foi o Mario Pigatto que trouxe na carroceria do caminhão dele. Rapidamente ela foi colocada no ar.

E a sua entrada no rádio, foi quando? Fazia o que antes de trabalhar nela?

Em 57. Entrei lá como operador de som, na sonoplastia. Quando ela foi para o ar pela primeira vez, em 44, 46 por aí, ela teria hoje 65 anos, desde a primeira vez que ela foi aprovada, que ela riscou os ares, o éter.

Quando ela entrou no ar pela primeira vez o senhor fazia o quê?

Eu estava estudando Rádio-técnico.

Mas sonhava em trabalhar em rádio?

Não, não, nem sonhava. Porque ela entrava e dali a pouco ela saía do ar, mesmo depois que ela entrou oficialmente, nós, pra tirar férias, todos queriam tirar férias, fechávamos

a rádio. Uma vez eu não fui. E de meio-dia fazia os recados, os avisos, tudo o que tinha que fazer.

APÊNDICE I. Jaime José Locattelli, 70 anos, natural de Frederico Westphalen

Jaime, qual foi a sua primeira profissão?

Com três anos de idade meu pai foi no Longícuo da Saudade, comprou uma terra... Era agricultor e estava de avaliante na antiga Vila Cerutti. Aos 12 anos, meu retornou à chácara onde hoje é a Marina Veículos e a partir dos 12 anos, não tinha 13 anos completos ainda, quando meu pai me conseguiu um emprego junto à rádio Ega.

E ali que era a rádio EGA? Era uma oficina de rádio?

Era uma oficina de rádio. Montávamos rádios, consertávamos. E o Gabler, que tinha vindo da Alemanha pós-guerra, era formado em Eletrônica, e mexia em transmissão também.

Isso em que ano?

Isso em 53.

Em 53 a Luz e Alegria já funcionava como aquela amplificadora.

Exatamente. E a empresa funcionava naquela época ali onde hoje é a minha loja. A Tevelândia, naquele tempo.

Nesses anos, de 53 até 60, tinha bastantes aparelhos de rádio em Frederico Westphalen?

Não, muito poucos, poucas pessoas tinham rádio na época. Eu lembro que meu pai comprou um, à bateria e à luz, no interior na época, isso em 1950, 51, e não era grande o número, não. O Gabler, já naquela época, começou a montar esses rádios. Ele projetava um rádio na prancheta e podia botar que dava certo.

Como é que era o nome certo desse engenheiro eletrônico?

Everardo Alfredo Gabler. Ele participou como paraquedista na segunda guerra mundial.

Como ele veio parar em Frederico, que nem cidade era?

Porque um tio dele tinha farmácia aqui, em função do tio dele.

Ele abriu uma rádio técnica em que ano?

1952.

Na época, era viável esse tipo de negócio?

Ele chegou aqui e era tudo novidade, mas ele começou a fabricar rádios, consertar os que tinham por aí, ele era especialista em transmissão, e aí que houve um início com o monsenhor Vitor. No aparelho de equipamento de som, transmissor, radioamador, tudo fabricado pelo Gabler. Ele comprava os componentes e montava os aparelhos.

E a sua história como ajudante dele, Jaime, que tipo de trabalho você realizava?

Eu cheguei em 53, ele começou a ensinar a montagem, comprar os componentes, e ele começou a me ensinar como fazer a montagem dos aparelhos.

Eram rádios artesanais, montados aqui...

Passei também a consertar os rádios, e ele consertava, por exemplo, aparelhos de raio-x, instalação de todo o seminário, em 54, ou 55, eu instalei aquelas caixinhas no hospital, que tem até hoje, manualmente, e o som vinha lá do seminário para o hospital, então o padre e dava a missa para os doentes do hospital. Até pouco tempo tinha as caixinhas nos quartos.

Jaime, lá em 1950 até 60, quem tinha um aparelho de rádio em casa ouvia as emissoras de onde?

Porto Alegre, Santa Maria, Farroupilha, as emissoras regionais, não sei dizer hoje quais emissoras tinham aqui, mas já tinham algumas.

A Luz e Alegria tinha caráter precário naquela época... Já tinha uma boa penetração?

Pouca potência, eram uns 80 watts, não era muito grande, mas quebrava o galho.

Quem tinha rádio, eram da classe média alta, porque o rádio era considerado uma coisa cara... O rádio começou no interior, tinha rádio à bateria, no Oeste Catarinense, por exemplo, era vendido muito rádio aqui. Inclusive quem levava esses rádios a Santa Catarina eram os Haubert. Naquela região de alemães, ele sempre tinha os pontos de venda lá e daí já entregava o rádio. Começamos a vender para Palmeira das Missões. Mais tarde começamos a fabricar vitrolas, hi-fi, inclusive fiquei em Palmeira seis meses só montando vitrolas. Aí o Gabler começou a melhorar a parte de transmissão da rádio Luz e Alegria, a sonorização no salão paroquial, a igreja... Tudo ele quem montou. Ele faleceu com 88 anos, em 2010, pós-guerra ele era.

Essa história da instalação da Luz e Alegria, na qual você, inclusive, como ajudante do Gabler aí acabou ajudando.

Então depois, quando o Gabler projetou um transmissor maior aqui para a rádio, aí com alguma dificuldade conseguiu o primeiro grande transmissor de 250 watts, que foi instalado próximo ao hospital em julho de 57. Mas a instalação começou antes, primeiro foi montada a cabine do transmissor, e o estúdio era nos fundos da catedral.

Trabalhamos uns dois meses nessa instalação. Eu era já estava nessa época há uns quatro ou cinco anos, já estava entendendo de transmissão. O que aconteceu, montamos a rádio, inclusive a primeira voz que foi ao ar dessa nova foi a minha. Porque o Galber ficava no transmissor ajustando lá e eu no estúdio, e o monsenhor me deu um texto para ler; “diretamente do edifício Vera Cruz, está no ar a rádio Luz e Alegria, a 250 watts, solicitamos aos ouvintes o retorno”.

E o pessoal deu retorno?

Deu retorno, sim, era muito bom pra época.

É, se é pra se ter uma ideia, hoje em dia as rádios comunitárias trabalham com um transmissor de 50...

Isso aí, 250 watts, 100, 250, aí eu saí do Gabler 31 de maio de 1959. Tinha estado em Porto Alegre, no quartel, e nesse ano o Gabler se mudou pra Palmeira e como o negócio dele estava bom, em função dele acabei fazendo um curso superior, e junto para Palmeira tinha um sócio, Alfredo Gomes. E o Gabler foi pra lá e a rádio dele funcionou aqui no ano de 51, 52 até praticamente fim de 59.

Jaime, a rádio entrou com essa potência de 250 watts em 57, o município foi fundado em 55, ou seja, dois anos depois da fundação do município entra no ar o veículo de comunicação. Qual foi o impacto em o município ter uma emissora de rádio?

Acho que foi para o desenvolvimento foi muito importante. Monsenhor Vitor era visionário. Ele enxergava as coisas de muito longe. Então acho que isso aí que ajudou ao desenvolvimento de Frederico, disso não tenho dúvida nenhuma.

E na época, o pessoal realmente acompanhava o rádio, era tipo uma atração na época?

Televisão não pegava, então o que era, em Frederico a rádio era o point. Antigamente era isso aí.

Mas e depois que você parou de trabalhar com o Gabler, você colocou o seu próprio negócio, isso?

Fui para o quartel, fiquei dez meses em Porto Alegre, fiz curso de cabo lá, no quartel, entrei na área de comunicações também, eu já tinha curso, então, lá dentro o curso de cabo, passei... Voltei pra cá e acabei adquirindo uma oficina de consertos do Jânio Cum, aí comecei a trabalhar como a Rádio-técnico Locatelli no dia 1º de maio de 1970.

Jaime, depois de 57, despertou um interesse de quem morava aqui em adquirir aparelhos de rádio, pelo fato de ter uma emissora em Frederico?

Evidente. Aí já começou a vir máquinas estrangeiras.

Pelo fato da dificuldade de chegar energia elétrica, porque o município estava se estruturando, a maioria dos rádios era o quê?

À bateria. Mas funcionava muito bem.

APÊNDICE II. Entrevista com Adjalmo Cerutti, filho de um dos fundadores do jornal O Alto Uruguai

A ideia começou com o Cine Fato?

O Cine Fato quando veio de Porto Alegre Luis Fernando e Luis Vinner. Inexperientes, eles queriam fundar um jornal na cidade. Naquela época as autoridades não tiveram reconhecimento para ajudar. Daí eles tiveram que fazer o jornal Cine Fato que era entregue todos os domingos, de graça, na frente do cinema. O pessoal ia entrando no cinema e eles iam entregando esse jornal. Com o passar do tempo, tentando arrumar alguém que fizesse um jornal verdadeiramente, eles não conseguiram com o poder público da cidade, que na época tinha muita briga entre Arena e MDB. Aí eles procuraram meu pai, porque ele era presidente da Cooperativa (Cotrifred), que era uma entidade muito forte na época. Procuraram meu pai para fazer essa sociedade. Meu pai fez sociedade. No fim do ano de 65 começando o ano de 66, eles fundaram, então, o jornal O Alto Uruguai, nome dado pelo padre Arlindo Rubert em uma reunião feita sobre o jornal. Nessa época, meu pai não quis entrar na sociedade por causa da cooperativa, ele botou no nome do Luis Rissoto, um rapaz aí da cidade, da família Rissoto, ele deu o nome como sócio e ficou formada a sociedade.

Luis Fernando, Luis Vinner e Luis Rissoto, e meu pai ficou pra fora. Eles então formaram esse jornal.

Esse jornal começou a funcionar no prédio da Luz e Alegria, na época o antigo cinema do Euclides Panosso. O Panosso foi embora, fechou o cinema e comprou aquela parte do jornal embaixo. Então eles começaram o jornal. A gente trabalhou uns cinco ou seis anos, nem isso, estávamos construindo esse prédio onde moramos, onde o jornal funcionou por quase 20 anos, e enquanto terminávamos a construção, viemos aqui pra baixo, onde ficou até 2000, 2000 e pouco, e foi para aquela parte nova.

O jornal, com o escritório e com meu pai, entrando como sócio mesmo, entrou o Querino Candaten, que era um redator, a pessoa que fazia a redação do jornal. Então ficou como sócio o pai, o Rui e o Candaten. Eles ficaram em sociedade até 1979. Em 79 o pai colocou junto na sociedade para cuidar do jornal o Jurito Cerutti, que ficou de sócio também, com um percentual, então ficou eles quatro de sócios.

Em 82, eu e o Chico... Eu comprei a parte que era do Candaten, o Chico comprou a parte que era do Rui, e ficou a parte do pai e a parte do Luis nós compramos. Então ficou nós como funcional, acho que na direção do direito no jornal até 1996. Em 96, vendi minha parte para o Chico e ficou ele, e em 96 até o dia de hoje está a família dele cuidando, passou para a esposa dele e hoje a filha Patrícia ficou com o jornal.

Adjalmo, pegando a história do jornal, o início. Bom, já falaste no início que não houve uma aceitação por parte de algumas forças políticas, como que foi o impacto em termos de meios de comunicação, porque já existia a rádio Luz e Alegria, fundada em 57, trabalhava até bem antes de 57, e quando surgiu o jornal, houve alguma espécie de concorrência entre os meios de comunicação?

Houve uma divisão de águas. A rádio Luz e Alegria era o porta-voz da Arena e o jornal O Alto Uruguai porta-voz do MDB. Isso bem claro, bem dividido. E até trabalhamos, mesmo quando assumi em 92, nós tínhamos grandes dificuldades de enfrentar. Antes disso, até os anos 78, por aí, o jornal passava por Caiçara, Vicente Dutra, repercutiu por Frederico, ele tinha uma alcance muito grande, por meio da cooperativa, meu pai foi até 66 presidente da cooperativa, nos agricultores, tudo, e isso foi assustando o pessoal da antiga Arena. Chegou na época a ter 8 mil assinantes.

Em algum momento dessa história, Adjalmo, a rádio chegou a criticar o jornal O Alto Uruguai e vice-versa?

Havia uma guerra ferrenha entre a rádio e o jornal. Bem claro. O Argenta defendia os padres, a Arena e a rádio, e o jornal, automaticamente, defendendo o MDB e jornal. Nós tivemos nessa época o Carlão, e todo mundo o conhece, Carlos Luiz Vendruscolo, que foi um grande colunista que tinha uma coluna muito forte, e ali era, a cada edição, uma briga ferrenha, quando via a rádio atacava tudo aquilo que o Carlão escrevia na coluna dele. Essa guerra foi indo, violentamente, aí nesse momento, começou a se criar vários jornais da Arena. O jornal dos estudantes... Se criaram diversos jornais no município. E acho que foram fundados uns cinco ou seis jornais na época. Aí teve uma época em que o jornal dos estudantes comandado pelo padre Inácio, e nós ferrenhos da cúpula do MDB, meu pai, principalmente da época da cooperativa, então, nessa época era crítica aquela crônica do padre Inácio no topo da coruja e ali todos os fins de semana era uma briga. Todo mundo queria pegar os dois jornais pra ver o que um atacava o outro atacava. Foi assim uns três ou quatro anos, uma coisa violenta, e o pessoal da Arena era proibido de fazer publicidade no jornal O Alto Uruguai, e o pessoal do MDB não publicava nada na rádio. E mesmo que da rádio saiu o primeiro deputado de Frederico Westphalen, que era do MDB, o Edgar Marques de Mattos, que foi um dos primeiros deputados lançados em Frederico e região, que era do MDB e saiu de dentro da rádio. Então, havia esses problemas, a maioria dos funcionários da rádio eram do outro partido e defendiam o outro partido.

E na redação, na produção da notícia, na época, havia uma preocupação em fazer uma concorrência com a rádio?

Não. Em certo ponto o jornal teve essa felicidade de ser um jornal quase que imparcial. Havia os colunistas, havia as notícias do MDB, mas nunca se negou aos outros partidos. Tínhamos um problema muito sério com o Itapagé e o Ipiranga, porque o Wilson Ferigollo fazia todas as artes do Ipiranga e tinha uma coluna no esporte. Então, como a maioria do Itapagé era da Arena, eles sempre achavam que o jornal era do Ipiranga. Mas isso eu cansei de brigar na época, dizendo que não... Parece que perdura até hoje essa desconfiança. Depois que morreu o Ciro terminou. Mas sempre havia essa desconfiança. Era porque o Wilson Ferigollo escrevia no jornal, claro, ele estava todo dia escrevendo do Ipiranga e o pessoal tinha essa restrição pra com o jornal, mesmo que o Wilson Ferigollo era da Arena. Mas dentro do jornal não tinha isso, nós tínhamos colunistas. Convidei o Lírio há muitos anos atrás, tinha o maior ferrenho contra o jornal, tinha o maior ferrenho contra o MDB aqui de Frederico, escrevia nas colunas, nos jornais dele, ele sempre atacava violentamente o jornal e o MDB na época e eu o convidei diversas vezes para ser colunista do nosso jornal, ele é hoje um colunista do jornal O Alto Uruguai e ele sempre, cada vez que vou ao mercado, na verdade ele sempre servindo o advogado Valdomiro Pinheiro, era considerado o servo da Arena, escrevia para o jornal, escrevia na minha época. Nós nunca permitimos, mas sempre havia por baixo.

Nos primeiros cinco anos de vida do jornal O Alto Uruguai, quantos exemplares eram produzidos? Chegava a ter uma penetração forte aqui dentro da comunidade de Frederico?

Sim. Não sei dizer os números exatos, mas sei que o jornal chegou a ter 8 mil assinaturas. Hoje, por exemplo, o jornal tem quatro, assim, assinaturas. Pra ti ver a diferença que existia, porque era o único jornal daqui. Entrava o Correio do Povo, o jornal Riograndense pela igreja, que mostrava o pessoal pra todo mundo pela praça, e O Alto Uruguai que tinha campanhas e na época dava prêmios e tudo e percorreu Vicente Dutra, Caiçara, toda essa região, o jornal. Mas chegou numa época a ter oito mil assinaturas.



Primeira equipe de funcionários da Rádio Luz e Alegria com Monsenhor Vitor Batistella no centro, juntamente com Euclides Argenta.



Euclides Argenta, apresentando um programa de auditório da emissora.



Jaime Locatelli e seus colegas, consertando aparelhos de rádio.



Euclides Argenta nos transmissores.



Primeiro estúdio da Luz e Alegria



Oficina de rádio EGA (Jaime Locatelli)



Oficina de rádios



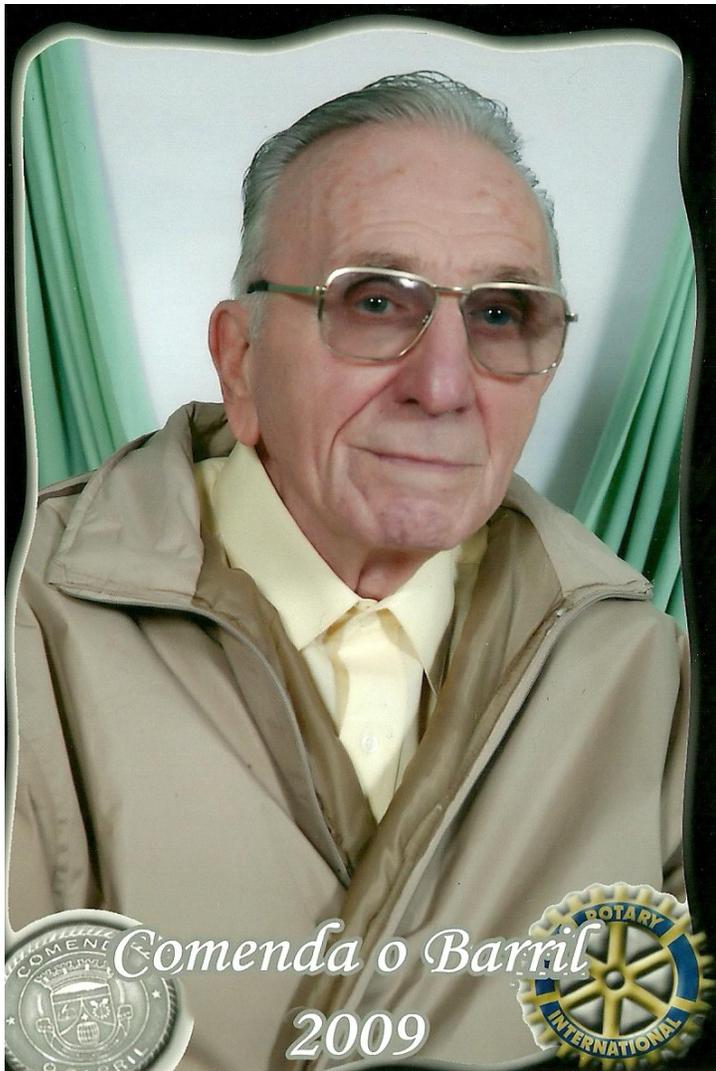
Jantar no Aeroclube Jaime Locatelli e Eberhard Glaber, rádio-técnicos.



Estúdio da Rádio Luz e Alegria



Adjalmo Cerutti (centro)



Eberhard Gabler